

fez que cumprir com o seu dever, como caixeiro consciente.

Se o caixeiro disfruta hoje o descanso semanal isso deve-se ao seu esforço e não a um favor das classes dominantes.

Não se tivessem imposto as camadas empregadas do comércio, principalmente as de Lisboa e Porto, e essa regalia já teria desaparecido.

Para que, pois, homenagens a patrões e a polticos?

Convençam-se todos os trabalhadores de que o seu bem-estar depende apenas da sua acção e não de benesses daqueles que os exploram e oprimem.

E já não é sem tempo...

C. Rodrigues.

Considerações

Estamos em pleno século XX, o século das luzes, como lhe chamam os filósofos.

O génio inventivo dos nossos tempos revela-se em prodígios mil, em criações várias, que distinguem o homem pensamento de nossos dias da besta rude e ignara de outrora.

Miríades de pensadores, de sábios legam-nos o produto das suas lucubrações em intermináveis noites de vigília.

Todos hodiernamente consagram o seu saber, contribuem com a sua actividade, empregam os seus esforços, concorrem com a sua quota parte de trabalho em prol da perfectibilidade humana.

A sciencia caminha a passos de gigante.

Abrem-se novos horizontes, as descobertas proseguem, e o que ontem era tomado por uma utopia encontra agora realisação na prática.

E' Arago e Ampère, estudando os fenómenos electro-magnéticos, que levam mais tarde a electricidade a transformar-se em trabalho mecânico, utilizando-se na maquinaria e substituindo o método antigo (o vapor) na maior parte dos ramos da industria, onde fez uma revolução profunda.

Os raios X, descobertos por Roentgen, tornando transparentes os corpos opacos, destroem os limites da visão humana.

As fronteiras, galgadas pelo pensamento que se expande e ao qual barreira alguma se poderá opôr, vão-se tornando vagas, tenues, e as raças nivelam-se, sentindo desejos afins e necessidades comuns.

Zamenhof, criando o Esperanto, o almejado desideratum de lingua para a compreensão mútua, faculta as relações humanas, ampliadas pelos progressos continuos levados a cabo nos meios de comunicação.

As redes de caminho de ferro atravessam toda a Europa e Asia, de Lisboa a Pekim; os vapores sulcam os Oceanos em todas as direcções; os aeroplanos, assemelhando-se a aves gigantes, já cruzam o espaço numa velocidade pasmosa; um entrelaçamento de fios circunda, envolve a terra inteira, é o telegrafo e o telefone, que, transmitindo a milhares de leguas as palpações das diferentes cidades do globo, o pensamento dos povos, motivam a estreiteza de laços, causam um aperto de solidariedade entre todos os homens.

Desilusão, engano, sonho! Solidariedade humana, civilização, progresso, tudo isso parece falso, tudo isso parece fabuloso. E' o crime, a desumanidade, o ódio que reinam sobre a terra. E' o mal transpirando de todos os róstos, a vindicta albergando-se em todos os corações.

A obra civilisadora dos homens de sciencia recuou seculos: somos transportados aos períodos de barbarie.

Na mais infame luta degladiam-se, estúpida e insanamente, milhões de soldados, impelidos para tão ingloria quão odienta campanha promovida pelos burguezes e governos criminosos.

Terrór! Terrór! Terrór! Terrór! Terrór! Terrór!

Milhões de jovens, abandonando a mina, o campo, a oficina, empunham os mais terríveis engenhos fulminantes, armam-se dos mais destruidores instrumentos de morte e vão atacar homens como eles pelo facto de viverem noutro paiz que não é o seu e contra os quais lhes prégarão ódio, ódio infinito, ódio de morte, mas de quem nunca agravo algum receberam, nem contra quem jamais ressentimento ou injimizade nutriram. E

lá vão, em embates formidáveis e com ferina raiva, trucidarem-se a fogo, a punhal, a dente.

Cada bocado, cada palmo de terra que conquistam, custa rios de sangue.

E' es-a ceifeira de vidas—a guerra—em todos os seus horrores.

Os homens tombam como espigas, dando aos campos, há pouco semeados de trigo, ora juncados de cadáveres, um aspecto desolador e triste cuja visão nos aterroriza e nos agita um confrangimento de dor.

Estrondeia o canhão, a bala silva, ha corpos despedaçados, feridos revolvendo-se num estertor de morte... Ais, gemidos, gritos dilacerantes... abatem casas; o incendio completa a destruição... a confusão, o medo, o espanto, a dor... a peste e a fome vitimam milhares de homens.

A miséria irrompe pelos lares. Povoações inteiras ficam mergulhadas na mais acerba angustia. Há pranto, luto.

Mas, facto pasmoso! Não se ouve um grito de rebeldia, não se traça um gesto de vindicta, não ecoa, mundo em fóra, um clamor ingente de revolta!

A humanidade assiste impassível, a sangue frio, a este tremendo drama, a esta sangueira horrível.

E' a loucura, o crime avassalando o mundo!

Estamos em pleno século XX, o século das luzes. A sementeira de tantos pensadores illustres: Reclus, Malato, Kraptokine, Faure, Gori, Corre, Malatesta, Grave e tantos outros vai deitando raizes vigorosas, profundas.

Os povos, libertando-se da ideia de patria, pelos chefes inventada para os submeterem a uma passiva obediencia, hão de se recusar, em breve, a guerrear, vendo que na guerra beneficio algum conquistam além do sofrimento e da morte.

A conflagração que actualmente assola a Europa era fatal, inevitável.

Os governos das grandes nações careciam de pretexto; o attentado de Serajevo forneceu a oportunidade. A ocasião era propicia e a guerra desencadeou-se.

Os armamentos que preparavam dizem-nos que os usurpadores, os senhores do poder, premeditando o crime, espreitavam o momento.

A voz de—Guerra—correram milhões de homens arrojando-se uns contra os outros, a baterem-se na terra, nos mares, no espaço, assassinando-se, trucidando-se massacrando-se numa peleja horrível, sem treguas.

Milhares, milhões talvez de vidas se extinguirão na luta.

Oh! horrór! Milhões! Milhões de homens, de proletarios, de produtores!

Vai ser a miseria, o luto, o pranto, a dor em outros tantos lares.

E' a orfandade, a viuvez. Aqui chora-se um filho ou um irmão querido; além um noivo adorador.

Todos pranteiam a morte dum parente, dum amigo, de quem, esperançados, aguardavam a volta para o doce e fraternal convívio.

Mas o fim aproxima, a hora vai soar!

Uma nova aurora iluminará o horizonte!

A organização revolucionaria (confiemos) ha-de tirar algum proveito desta formidável hecatombe, desta carnificina sem nome.

Vão ter um terminus as guerras execrandas.

Não, não e não!! Clamarão em breve, num grito unisono, os explorados de todos os paizes. Basta de matanças de morticinios.

Viva o Amor! Viva a Paz universal!

Nós os miseráveis não temos patria, não consideramos inimigos os outros povos.

Se alguma inimizade nutrimos se algum odio albergamos dentro em nós é contra vós, inimigos do povo, é sobre vós, sanguinarios opressores dos proletarios, que ele recai.

Não, não mais guerrearremos! Não mataremos operarios como nós pelo facto de nascerem além fronteiras.

Só sairemos á luta, á batalha quando o rutilante facta da Revolução iluminar a terra.

Só pelejaremos ao grito de: Viva a Revolução Social!

Então nunca mais haverá guerras entre os homens.

Será a luta do homem contra os obstaculos da natureza que o inibem de gosar a vida completa a completa felicidade.

Só então virá á terra a pura civilização surgindo sob os escombros da fermentada civilização de nossos dias. Terá isto realisação num futuro proximo?

Sim, se para tal trabalharmos com a fé dos convictos.

ADOLFO A. NUNES.

VÁRIA

I

Bismark, o chanceler de ferro, dizia um dia ao kaiser Guilherme II, segundo as memorias duma dama da imperatriz, publicadas por Juan B. Enseñat:

«Não se transformará a Social Democracia, mas chegará o dia em que será preciso fusila-la.»

Bismark, numa especie de profecia, mostrava ao kaiser o perigo que o império tudawco corria se leis repressivas não obstassem á propagação do *terrível mal*. Mas o kaiser não se importou com os temores do sonhador da unificação dos estados germânicos.

Prescritador profundo, a psicologia do povo alemão tornara-se-lhe familiar: eram infundados os receios do maior estadista do século passado. E a prova teve-a ao estalar a conflagração europeia: a social-democracia não tugi nem mugiu. O kaiser, porem, não é só um psicologo; é, tambem, um hipocrita. Como um grande actor bem senhor do seu papel, replicou ao caquético chanceler, quando este o assediava:

«Não quero inaugurar por tal forma o meu reinado; não quero afogar o meu povo em sangue; não quero que me chamem o principe metralha.»

E, de facto, todos os seus cuidados tem sido manter a paz mundial... com a metralha dos seus canhões.

O kaiser é igualmente um razoavel pintor. Um dia, para melhor iludir os seus preparativos guerreiros, pintou uma tela na qual sobre um penhasco, a Paz, apontando o oriente, tem a seus pés esta inscriçao:

«Povos da Europa! guarda e o vosso melhor tesouro!»

Ora o melhor tesouro da Europa, segunda a alusão do kaiser, era a civilização ameaçada pelo perigo amarelo.

A destruição de Luvain é a melhor prova do valor que a fúria kaiserista tributa á civilização.

E os congressos da paz a que este farçante assistiu?

Os outros grandes artistas que ora entram em scena, se não são tão delicados psicologos, são, indiscutivelmente, mais hipocritas e mais farçantes: apregoam o seu humanitarismo protestando contra as atrocidades dos *barbaros do norte*.

Como que se nos seus exercitos não houvesse tambem barbaros!

Giordano Bruno.

Coisas historicas

7-1913—Em Puy (França) inaugura-se um monumento a Jules Vallés, notavel escritor.

8-1895—No Porto inicia a sua publicação um semanario anarquista com o titulo, *O Libertário*.

9-1913—Dão-se, em Berlim, várias insubordinações nos quartéis.

10-50—Nasce o célebre orador latino, Cayo Cornélio Tácito.

11-1892—Saí, em Lisboa, o primeiro número (segunda série) de *A Revolta*, semanário anarquista.

12-1880—Com o titulo *A Revolução Social*, saí, em Paris, o primeiro número dum folha semanal libertária.

13-1913—Termina, em Londres, a greve dos pintores, os quais conseguiram ob ter aumento de salário e diminuição no horário de trabalho.

A caminho do trabalho

(Entre companheiras)

—Vamos lá, Joaninha, que já vão sendo horas.

—Vamos indo, Mariquinhas da minha alma, para esse inferno... Estou bem cansada disto. Não se ganha nem para comer, e a gente em casa não faz senão passar necessidades... E' uma vida de amarguras!

—Olha Joaninha; isto não é viver do mundo. A culpa tambem é nossa. Estou farta de te falar, a ti e ás companheiras tôdas, mas vocês não querem ouvir...

—Cala a boca, que vem ali um espião.

—Já não me importo de espiões, nem do diabo que os carregue; que vão para o inferno e que vão contar tudo, se quiserem. Isto não é vida. Estou morta que chegue o dia de vêr tôdos os sabujos corridos á pedrada.

—Estás enganada, Mariquinhas; esses cães estão bem guardados pelos patrões.

—E os patrões, quem é que os guarda?

—Os soldados, a policia... —Isso mesmo dizem os anarquistas.

—Os anarquistas? A propósito, Mariquinhas; outro dia ouvi dizer a um espião que os socialistas e anarquistas são uns canalhas e uns desordeiros que só pensam em fazer mal... Será verdade?

—E tu vais dar ouvidos áquelles pulhas? Se não houvesse socialistas nem anarquistas e todos fôsem humildes e resignados, os patrões faziam de nós o que lhes viesse á cabeça, e a nossa miséria seria ainda maior. Tudo é pelos patrões: governo, juizes, espiões, soldados... e a grande manada dos operários-ovelhas... Contra eles, e por nós somos só nós mesmos, aqueles que temos um pouco de conhecimento dos nossos direitos de dignidade. Ora os anarquistas são dos nossos, e muitas vezes expõem a vida contra uma fera... E por isso é que os ricos e os graúdos dizem mal deles e procuram arranjar que os ignorantes lhes tenham ódiosos patrões e governantes não querem ser incomodados nas suas empresas, querem explorar á vontade. Olha os socialistas e anarquistas que conhecemos e olha o patrão: verás logo quais são os nossos. Vê as burguezas da fabrica, como andam tôdas no luxo... á nossa custa.

—E' verdade, tens razão. Bem dizia o padre, o outro dia, na igreja, quando faz o sermão: quando morrerem, ficamos vingados. Sofremos com paciência em vida; mas depois se verá quem tem razão... Disse coisas tão bonitas! Para falar não há como aquele padre!

—Ai! Joana! E' por essas e outras que nos vemos neste estado... Pois tu ainda acreditas nos padres?! Queres que te diga? Padres, frades, bispos, tôda essa canalha da Igreja, tudo isso é um bando de alcoviteiros dos patrões. Ajudam os patrões a explorar e vivem tambem á custa do nosso suor vendendo-nos muito caro os seus latinórios e as suas mentiras...

Dizem que devemos sofrer em vida, porque querem gozar sem trabalho, á nossa custa, em companhia dos patrões. Não vêes como são amigos? Não vêes como os ricos são religiosos? Se o prazer e a riqueza levam ao inferno, porque é que os padres, os bispos, o papa, não tratam de converter os ricos religiosos á pobreza e não são pobres eles tambem?...

—Sim... mas escuta, Mariquinhas, sempre devemos respeitar os padres porque são ministros de Deus, e é preciso ir á missa; ir á confissão...

—E de que te serve tudo isso? E como podes tu, acreditando em Deus, que, como dizem os crentes, não se engana, nunca erra, não pôde mudar de resolução, é sempre justo, como podes pensar que os teus pedidos sirvam para o fazer mudar de ideias? Se é Deus, se é como dizem, tem de julgar sempre do mesmo modo, não dando ouvidos nem aos insultos nem ás súplicas, não se deixando arrastar nem pela lisonja nem pelo despeito. Sabes porque há Igrejas? Pelo mesmo motivo que há tabernas; porque há negociantes que vivem delas... e tolos que se deixam roubar e envenenar.

Os padres, negociantes da religião amparam a Igreja que é o seu ganha-pão. E a confissão? Vês esses espiões que o nosso patrão mantém para nos vigiarem, para lhes contarem os nossos protestos, as nossas palavras de descontentamento? Pois os padres fizeram ainda melhor: inventaram a confissão. Assim, surpreendem os segredos, dirigem as almas, governam as casas apanham heranças. E' uma boa policia...

—Então os anarquistas e os socialistas não vão á Igreja? não teem santos?

—E tu confias nos santos? Não tens de trabalhar constantemente para ganhar um pouco de pão? O que devem fazer todos é esperar tudo de si mesmo... Se nós confiássemos só nos nossos braços e na nossa união, não precisávamos de nos ajoelhar diante de qualquer santo de pau ou de carne, nem o nosso trabalho seria tão duro e tão pouco proveitoso...

—Sabes uma coisa? Eu tambem desde que comecei a ler os jornais que me tens dado e que dizem tantas verdades, e um livrinho chamado «Porque somos anarquistas», tento perdido a minha fé nos santos e, quando vou á igre-

ja, já não rezo: ponho-me a pensar, a pensar...

—Que aqu'lo é uma mentira e os padres são uns ladrões, não é?

—Tanto não digo, mas... Ah! é verdade Mariquinhas; sabes o que me disse a mim e outras companheiras um anarquista?... chegou-se a nós, com bons modos, e assim em conversa, disse-nos que os patrões, os governos e os trabalhadores ignorantes e traidores que os ajudam estão todos aliados contra os pobres; que os anarquistas querem que a terra, as máquinas, as casas, os caminhos de ferro, tôdas as coisas que servem para produzir e transportar, sejam de todos e administrados pelos mesmos que se sirvam delas; que assim se produzirá muito mais do que hoje, porque não haverá quem tenha interesse em parar o trabalho só para vender mais caro, e porque não se trabalhará para um patrão, mas para satisfazer os consumidores; que todos trabalharão e todos consumirão, não sendo preciso dinheiro; que hoje as fabricas e as terras só dão em quanto haja quem compre e depois param e não servem para nada, ainda que haja muita gente com fome, nua e sem casa; que os homens são muito estúpidos, consentindo isto; que a mulher terá os mesmos direitos que o homem e será senhora de si... Que precisamos ser unidos e resolutos! E outras coisas. Eu fiquei com vontade de saber mais...

—E tu fingias que não sabias nada dos anarquistas!... Mas cá está a penitenciaría. Outra vez conversaremos.

G. L.

A proxima guerra

O golpe de Delcassé

Viu-se bem em 1905. Nesta ocasião, governava Delcassé havia já dez anos, a politica externa da França. E tinha captado de tal forma a confiança da camara que esta aprovava sem discutir todas as suas declarações.

Este homensito tinha-se enchido dum tal orgulho que nem ao menos consultava os outros ministros, seus colegas.

Pois, no decorrer dos anos de 1904 e 1905, eis que, de acordo com o gabinete inglês, e sem prevenir ninguém, ele começa a *isolal* a Alemanha. Trabalha para desligar a Italia da triplice aliança, negocia em S. Petersburgo, intriga em Constantinopla e prepara tudo para que, ficando a Alemanha isolada, a Inglaterra, apoiada pela França, possa tentar esmagá-la.

Naturalmente Guilherme II não tardou a advinhar a manobra, e lançou brutalmente, por intermedio do principe Radolin, uma especie de *ultimatum*.

Todos se lembram da comoção e da surpresa que se apoderou então de todo o país. Num lindo dia de junho, todos os jornais traziam na primeira pagina mapas da fronteira: dum lado viam-se quadradinhos negros representando todos os corpos de exercito alemães; do outro quadrados pretos figurando os corpos de exercito francês. E toda a gente perguntava se, no dia seguinte, seria obrigada a pôr a mochila e pegar na espingarda para se fazer fusilar na fronteira.

Na camara houve uma hora de verdadeiro terror. Os deputados, que conheciam a pequena importancia da questão de Marrocos, desconfiavam que havia de haver ali qualquer negocio escuro. Queriam, logo naquela sessão, interpellar Rouvier (então presidente do conselho) e derrubar o ministério.

Mas, bom é que se diga, o mais espantado era o proprio Rouvier. Pediu explicações a Delcassé.

No Eliseu houve um conselho de ministros que ficou historico. Ali, durante duas horas consecutivas, Delcassé expoz aos seus colegas estupefactos todas as suas intrigas, e com uma audacia tranquilla concluiu nitidamente pela continuação da politica de *isolamento*, pela aliança militar com a Inglaterra e a guerra á Alemanha.

Rouvier e os seus colegas, unanimemente, responderam des-
embaraçando-se deste homem peri-